

ARTIGO/DOSSIÊ

METÁFORAS QUE ENLAÇAM SABEDORIA SOBRE A MULHER EM CULTURAS BANTU MOÇAMBICANAS

SÓNIA SARA CUMBE
TÂNIA FERREIRA REZENDE

Sónia Sara Cumbe

Doutorado em Letras e Linguística, na área de concentração em Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal de Goiás.

Mestrado em Gestão e Administração Educacional, pela Universidade Católica de Moçambique.

Professora da Universidade Rovuma, em Nampula, Campus de Napipine.

Membro do Obiah Grupo de Estudos Interculturais da Linguagem.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6432065494582590>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0008-1490-5683>.

E-mail: scumbe@unirovuma.ac.mz.

Tânia Ferreira Rezende

Doutora em Linguística, pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Líder do Obiah Grupo de Estudos Interculturais da Linguagem.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9438105037411040>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3954-2758>.

E-mail: taferrez@ufg.br.

Resumo: Os povos para sustentar e manter suas cosmopercepções e suas culturas criam guias de leitura e de compreensão do mundo e dos textos que compõem o mundo. Esses guias são os protocolos de leitura e de compreensão de textos. Um dos ensinamentos desses protocolos é a de compreensão da diferença, com hierarquização de valores para cada estrato de diferença. Por isso, é fundamental que esses protocolos de leitura e compreensão que naturalizam as hierarquias diferenciais sejam desnaturalizados e desestabilizados. A partir da cosmopercepção bantu moçambicana, neste artigo, problematizamos a naturalização das percepções sobre as mulheres nas culturas bantu moçambicanas, por meio de provérbios que circulam nas línguas bantu Emakhuwa, Tewe, Sena e Changana, nas regiões Norte, Centro e Sul de Moçambique. Os provérbios, por meio dos conceitos metafóricos que os constituem, são discutidos através dos sentidos e das funções, explicitando quais protocolos de leitura e de compreensão de textos eles estão construindo sobre as mulheres. Focamos, especificamente, em conceitos metafóricos, nos termos de George Lakoff e Mark Johnson (1980; 2002), que entrelaçam a sabedoria sobre a mulher na comunidade bantu, buscando problematizar as crenças, o lugar no mundo, os papéis sociais e as relações políticas construídas nessas sociedades.

Palavras-chave: Cosmopercepção Bantu. Culturas Bantu. Línguas Bantu. Sistema Conceitual. Provérbios. Metáforas. Conceitos Metafóricos. Mulheres.

Abstract: Peoples, to sustain and maintain their cosmoperceptions and cultures create guides for reading and understanding the world and the texts that compose it. These guides are the protocols for reading and understanding texts. One of the teachings of these protocols is the understanding of difference, with hierarchical categorization and different values for each stratum of difference. Therefore, it is fundamental that these protocols for reading and understanding, which naturalize differential hierarchies, be denaturalized and

destabilized. Drawing from the Bantu cosmoperception of Mozambique, this article problematizes the naturalization of perceptions about women in Mozambican Bantu cultures through proverbs circulating in the Emakhuwa, Tewe, Sena, and Changana Bantu languages in the Northern, Central, and Southern regions of Mozambique. Through the metaphorical concepts that constitute them, the proverbs are discussed, elucidating the senses and functions, and explicitly stating which protocols for reading and understanding texts they are constructing about women. Specifically focusing on metaphorical concepts, in the terms of George Lakoff and Mark Johnson (1980; 2002), which interweave wisdom about the women in the Bantu community, seeking to problematize the beliefs, place in the world, social roles, and political relations constructed in these societies.

Keywords: Bantu Cosmoperception. Bantu Cultures. Bantu Languages. Conceptual System. Proverbs. Metaphors. Metaphorical Concepts. Women.

INTRODUÇÃO

As diferenças estão no mundo e fazem parte da vida, não há problema com elas. O problema se instaura quando percepções socioculturais criam distinções, acarretando hierarquias de valores entre as diferenças, com privilégio de uns em detrimento de outros. Para sustentar as hierarquias e os privilégios que as hierarquias mantêm, são propostas explicações para a existência das diferenças, sejam elas de raça, gênero, classe, nacionalidade, território ou outra.

De acordo com Oyèrónké Oyěwùmí (2021, p. 27), no Ocidente, os pressupostos biológicos são privilegiados em detrimento de outras formas de explicação das diferenças de raça, gênero e classe e “a diferença é expressa como degeneração”. Seja de que

perspectiva for, para confirmar ou refutar a degeneração, a biologia do corpo é sempre acionada para explicar a diferença, com base em um corpo referencial.

O homem, a criatura original, é quem define as *regras científicas do padrão de existência*, com base nele mesmo, e as *regras morais do padrão de comportamento*, com base no seu comportamento, considerado adequado. Dessa forma, o homem estabelece também os desvios do padrão (não-padrão), ou seja, a diferença. A mulher, portanto, é diferente do homem, de cujo corpo foi derivada, e não o contrário. Essa é uma das explicações da diferença entre homem e mulher, com o estabelecimento da hierarquia de gênero, com inferioridade da mulher, confirmando e fortalecendo a histórica relação de poder. Considerando que quem está em posição de poder toma seu padrão como superior, essa lógica se aplica a outras relações, como raça e classe.

O corpo é um texto, ou seja, é um sistema de signos (OYĚWÙMÍ, 2021), carregado de semioses, símbolos e simbologias, passível de leitura, interpretação, significação e ressignificação. Para isso, são criadas e ensinadas regras: os protocolos (guias) de leitura do corpo-texto. Dada a tradição ocidental de explicação biológica dos sistemas de signos que compõem o mundo, afirma Oyèrónké Oyěwùmí (2021, p. 29), “o olhar é um convite a diferenciar”, a partir do corpo. Logo, na perspectiva que ora propomos, o protocolo de leitura do corpo-texto está na base da pedagogia do ensino do diferenciar.

Admitindo que as sociedades, por serem diferenciadas, se distinguem em seus fenótipos, suas linguagens, epistemologias e percepções (culturas, espiritualidades, sentimentos), compreendemos que há outras abordagens e significações das

diferenças, além da biológica, que tem seu único protocolo de leitura do corpo-texto. São as muitas abordagens baseadas nas diversas cosmopercepções dos povos.

Para Oyèrónké Oyěwùmí (2021, p. 29), cosmopercepção é adequada “para descrever os povos iorubás ou outras culturas que podem privilegiar sentidos que não sejam o visual ou, até mesmo, uma combinação de sentidos”. Por isso, se a cosmovisão, na cultura ocidental, se mostra restritiva por privilegiar o visual, a cosmopercepção, conforme o propõe Oyěwùmí (2021), é mais adequada para esta discussão, por ser mais ampla e inclusiva.

Reconhecemos que a língua é uma expressão viva da cosmopercepção de um povo e propomos que os provérbios são práticas linguísticas impregnadas de significado simbólico e sociocultural, bem como de ideologias que delineiam as características distintivas de um grupo específico. O provérbio — do mesmo modo, o adágio, a máxima, o aforismo, o axioma, o ditado, a proposição, a sentença — com origem nos plurais saberes ancestrais moçambicanos, caracteriza-se por explicitar em poucas palavras uma regra ou princípio de alcance moral, referente à vida prática. Com relação ao estilo, trata-se de um texto curto e sucinto, com ritmo e rima, de natureza semiótico-discursiva, de modo a facilitar sua rápida apropriação e repetição. As funções do provérbio na vida cotidiana são o ensinamento moral e a normatização de condutas.

Seguindo Mikhail Bakhtin (2017), o provérbio pode ser abordado como um dos gêneros da vida cotidiana. Nesse sentido, o provérbio pode ser compreendido também como uma importante ferramenta no estabelecimento de protocolos de leitura de mundo, de texto e de compreensão textual. Concebido dessa forma, o provérbio,

naturalizado como parte da cultura de um povo, pode potencializar suas tradições e, assim, contribuir para a manutenção dos protocolos que ensinam a ler e hierarquizar as diferenças.

Os provérbios, de que ora tratamos, se organizam por meio de conceitos metafóricos (LAKOFF; JOHNSON, 2002), os quais constroem e resguardam os saberes de um povo sobre o mundo, constituindo sua cosmopercepção. A cosmopercepção de um povo é constituída também pelos sistemas de referências (malhas enunciativas de teias de atos e modos de significação) e pelos sistemas conceituais (ordinário e extraordinário). Segundo Lakoff e Johnson (2002, p. 45), “nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza”. As metáforas fornecem apoio de significado, a partir de sentidos familiares, para a construção de outros sentidos, a fim de se alcançar efeitos de sentidos concretos. Os conceitos metafóricos ordinários são tão naturalizados na vida cotidiana que deixam de ser percebidos como metafóricos.

As metáforas são fundamentais para a (des/re)construção do que estamos compreendendo, de acordo com os estudos culturais (CHARTIER, 1996), como protocolos de leitura, que guiam a leitura do corpo-texto. Os protocolos de leitura criam regularidades e regulações nas práticas de leitura e de compreensão de textos, tais como os provérbios, e contribuem para a constituição das subjetivações e das consciências em dadas culturas¹ e cosmopercepções².

Os provérbios estabelecem uma conexão entre o indivíduo, a comunidade e o mundo através da linguagem e da cultura,

1 Teia de sentidos organizada e expressa em atos e modos de significação de mundo [...] (OBIAH, 2024).

2 Diversificados modos outros de perceber e descrever o mundo para além da visão, como na cosmovisão ocidental (OYĒWÙMÍ, 2021).

assegurando a manutenção das ideologias dos grupos dominantes de forma pedagógica. Para Ezequiel Pedro José Bernardo (2018), através dos provérbios, é possível notar como a língua e a cultura desempenham papéis fundamentais na formação das identidades individual e coletiva, cuja manifestação se percebe nas interações.

Historicamente, os provérbios em Moçambique têm servido para encapsular conceitos complexos e transmitir sabedorias e crenças ancestrais, conservando as ideologias dos povos. Além disso, para os povos, eles representam sua voz, tornando-se um discurso de autoridade credível, não admitindo questionamento, frequentemente circulando como advertências ou conselhos que levam à reflexão seu destinatário. Os provérbios, portanto, têm um caráter pedagógico normatizador.

A partir da cosmopercepção bantu moçambicana, neste estudo, propomos problematizar algumas percepções naturalizadas sobre as mulheres nas culturas bantu, por meio de provérbios que circulam nas línguas Emakhuwa, Tewe, Sena e Changana das regiões Norte, Centro e Sul de Moçambique, respectivamente. Focamos, especificamente, em conceitos metafóricos, nos termos de George Lakoff e Mark Johnson (1980; 2002), em provérbios que entrelaçam a sabedoria sobre a mulher na comunidade bantu, buscando problematizar o lugar no mundo, os papéis sociais e as relações políticas das mulheres, nessas sociedades.

Propomos problematizar os provérbios, por meio de seus sentidos e das funções que desempenham, trazendo à tona os protocolos de leitura e de compreensão de textos que os provérbios, por meio dos conceitos metafóricos que os constituem, em contextos culturais específicos, estão construindo. Explicitando os protocolos de leitura e de compreensão de texto, propomos também discutir o papel

dos provérbios na compreensão coletiva da sabedoria ancestral moçambicana acerca do lugar e do papel das mulheres na vida cotidiana, na tomada de decisões comunitárias e na cultura e tradições bantu, por meio dos conceitos metafóricos.

Para o desenvolvimento da nossa proposta, selecionamos provérbios que falam dos papéis tradicionais da mulher, como geradora de vida, a mãe, a esposa e cuidadora do lar, mentora e educadora; e de provérbios que mantêm a moralidade da mulher, como um ideal feminino, definindo as relações de gênero.

Os provérbios selecionados para esta discussão compõem o material documentado na pesquisa em andamento intitulada “Proposta de formação intercultural de professores de inglês em Nampula: os provérbios moçambicanos como loci político, linguístico e epistemológico, na Universidade Rovuma, Nampula, Moçambique”, desenvolvida com uma turma composta por vinte estudantes do curso de Inglês, representantes dos grupos etnolinguísticos Emakhuwa, Tewe, Sena e Changana, provenientes, respectivamente, do Centro, Norte e Sul de Moçambique³.

Ao problematizar os conceitos metafóricos que constituem os provérbios, na diversidade etnolinguística moçambicana, buscamos compreender as percepções e expectativas em torno da mulher na sociedade bantu, no intuito de compreender os sentidos e ensinamentos dos enunciados, como também reconhecer as significações de mundo na sabedoria cultural incorporada nessas expressões linguísticas. Nessa abordagem, considerando que o sistema conceitual ordinário da vida é metafórico, compreendemos

3 Projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de Goiás com anuência da Universidade Rovuma. Parecer de Aprovação nº 6.577.746, no âmbito do Acordo de Cooperação firmado entre as duas instituições em 31 de março de 2021.

que a metáfora é uma maneira de conceptualizar a própria existência humana: os modos de pensamento, de experiências e de ação. Portanto, a metáfora conceptualiza nas culturas bantu o que é ser mulher para os grupos etnolinguísticos Emakhuwa, Tewe, Sena e Changana, do Centro, Norte e Sul de Moçambique.

Alinhadas à afirmação de Hampaté Bâ (2010, p. 189) de que “o que é aprendido na escola ocidental, embora seja útil, nem sempre é vivenciado”, com esta discussão, chamamos a atenção para a existência e importância de outras epistemologias. Com isso, esperamos contribuir para o debate sobre a relevância das línguas bantu de Moçambique para os estudos sobre sistema conceptual, as cosmopercepções moçambicanas, os provérbios como modos de significação de mundo intrinsecamente ligados às culturas bantu, bem como para desestabilizar as concepções e ideologias que inferiorizam a mulher nas culturas bantu moçambicanas.

OS PROVÉRBIOS NAS CULTURAS BANTU MOÇAMBICANAS

Moçambique é um país pluricultural, com uma diversidade de povos, línguas, cultura e conhecimentos. Cada povo com sua própria história, suas tradições, simbolismos e seus valores intrínsecos. Nesse contexto, as línguas são centrais na construção e na expressão das práticas que definem e identificam um grupo específico na diversidade nacional. São muitas e variadas as práticas, os repertórios e as performances socioculturais e sociolinguísticas que condensam as sabedorias moçambicanas, vinculadas à oralitura (MARTINS, 2003) e à literatura.

Compõem as práticas socioculturais moçambicanas os mitos, os rituais, as crenças, as músicas, expressas em diferentes formas de conhecimentos e de comportamentos, em suas diferentes línguas

e linguagens. A língua de cada povo ou de cada grupo interage com a cultura na qual está imersa, contribuindo para a preservação e manutenção dos conhecimentos nas práticas cotidianas. Uma das formas de expressão dos conhecimentos dos povos bantu moçambicanos é por meio de provérbios, os quais, com base em Mãe Stella de Oxóssi (SANTOS, 2012), podemos afirmar que condensam as sabedorias ancestrais moçambicanas.

Os provérbios fazem parte de um sistema sociocultural e de práticas sociolinguísticas e, como tal, podem ser abordados tanto como performances de oralitura quanto como gênero literário, exercendo influência sobre as percepções e as ações das pessoas. Em suas mensagens, os provérbios descrevem as relações entre os indivíduos e a comunidade, ao mesmo tempo, em que demonstram um contexto específico de uso nas comunidades e conexões com os mundos material e imaterial.

Nesta discussão, abordamos o provérbio como um gênero da vida cotidiana, altamente elaborado e conciso, que representa a expressão do povo, por meio de conceitos metafóricos. São mensagens a respeito de uma experiência de vida que resultam numa lição ou num conselho. O provérbio tem origem na oralidade, podendo ser documentado na escrita.

A metáfora, por sua vez, é compreendida como um modo de expressão da significação de mundo de um povo, baseada na experiência e no cotidiano da vida dos seres humanos. Não se trata, portanto, de um processo linguístico ou estilístico de transporte de sentido. Nesta discussão, assumimos que a metáfora é parte do sistema conceptual humano e, por estar intrinsecamente vinculada às culturas, compõe a cosmopercepção dos povos.

Se, conforme Lakoff e Johnson (2002), os conceitos estruturam a percepção de mundo, isto é, eles estruturam nossos pensamentos e nossas percepções (espiritualidades, sentimentos, subjetivações, consciência), nosso comportamento e nossas ações, como nos relacionamos com as pessoas e com o mundo a nossa volta. Os conceitos, portanto, com base em Lakoff e Johnson, ancoram e direcionam os atos e os modos de significação de/no mundo, logo, fundamentam as cosmopercepções.

Uma vez que a cosmopercepção é fundada no sistema conceptual que usamos para significar e para dizer o/sobre o mundo e do qual nem sempre temos consciência o tempo todo, a linguagem é central para a compreensão tanto do sistema conceptual quanto da cosmopercepção dos povos. Por isso, Lakoff e Johnson (2002, p. 46) afirmam que, com base em evidências linguísticas, eles puderam constatar que “a maior parte do sistema conceptual ordinário é de natureza metafórica”. Assim, a partir dessa constatação, lhes foi possível encontrar “um modo de começar a identificar em detalhes quais são as metáforas que estruturam nossa maneira de perceber, de pensar e de agir”, assumindo que a *“essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”*. Em resumo, “o conceito é metaforicamente estruturado, a atividade é metaforicamente estruturada e, em consequência, a linguagem é metaforicamente estruturada” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 48, grifos do autor).

Com base em Lakoff e Johnson (2002, p. 48), para quem “o sistema conceitual humano é metaforicamente estruturado e definido”, propomos que os modos e os atos de significação de mundo dos povos, da forma como estamos construindo no Obiah Grupo de Estudos Interculturais da Linguagem (2024), são metaforicamente estruturados e definidos. Logo,

a cosmopercepção dos povos é constituída de conceitos culturalmente situados, linguística e epistemicamente *orientados*. Assim, seguindo os autores, compreendemos que metáfora é conceito metafórico.

Dessa forma, tendo por fundamento Lakoff e Johnson (2002, p. 50), as expressões metafóricas de uma dada língua, por exemplo, a Changana, são ligadas, sistematicamente, a conceitos metafóricos do sistema conceitual do mundo, ou cosmopercepção, Changana. Por isso, podemos empregar expressões metafóricas linguísticas Changana para estudar os conceitos metafóricos do sistema conceitual Changana, de modo a compreender a natureza das atividades socioculturais, isto é, os atos e os modos de significação de/no mundo do povo Changana. E isso é feito, nesse artigo, através dos estudos dos provérbios.

A sistematicidade dos conceitos metafóricos é argumentada pelos autores na forma “como as implicações metafóricas podem caracterizar um sistema coerente de conceitos metafóricos e um sistema coerente de expressões metafóricas correspondentes a esses conceitos” (LAKOFF E JOHNSON, 2002, p. 52), ou seja, a sistematicidade permite compreender um aspecto de um conceito em termos de outro, mais saliente, com a desvantagem de encobrir alguns aspectos do conceito, menos saliente, por diversas razões. Dessa forma, é fundamental atentar para o fato de que a estruturação metafórica dos conceitos é parcial, nunca total (LAKOFF; JOHNSON, 2002).

A saliência e a opacidade dos aspectos conceituais, na relação de compreensão entre os conceitos metafóricos, nos permitem também compreender as ideologias que embasam o sistema conceitual, por meio das metáforas, e, por consequência, as cosmopercepções. Enfim, as cosmopercepções, as culturas e os sistemas, pelos quais são

expressos (conceituais, referenciais, de signo etc.) não são neutros, não estão isentos de ideologias.

Para além dos conceitos metafóricos *estruturais*, em que um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro conceito, há outros tipos, tais como os *orientacionais*, em referência à orientação do corpo no espaço, para cima, para baixo, dentro, fora, para frente, para trás etc.; ainda que essas orientações tenham a ver com postura física, para cima, e arcado para baixo, algumas dessas metáforas remetem também ao sistema de referência, como estar feliz é estar para cima, em direção ao céu, e estar triste é estar para baixo, em direção à terra ou ao inferno (inferno astral); seguir em frente, olhar para frente, o futuro é adiante: positivamente; olhar para trás, preso ao passado, atraso: negativo; superior/inferior; os *ontológicos*, em que estados de coisas ou emoções são entidades que nos controlam ou nos movem na vida: o medo de chuva me paralisa, o espírito natalino me motiva a viajar etc.; os *personificados*, são também tipos ontológicos de humanização do não humano, como em: a vida lhe traiu, o casamento lhe roubou a alegria de viver, o novo emprego lhe trouxe vida; a personificação não é somente a pessoalização de uma entidade não humana, mas um modo de experienciar, de agir e de atuar em relação ao fato ou evento; mais do que dar sentido aos conceitos metafóricos, a personificação atua sobre a noção ontológica metaforizada; os *metonímicos*, uma entidade por outra: estamos a ler Paulina Chiziane (a ler o que a escritora escreveu); as sinédoques, quando a parte é tomada pelo todo: A Globo (TV Globo, rede de comunicações) se fez presente na cobertura; diferentemente da metáfora, que um conceito é concebido em termos de outro, na metonímia, uma entidade é representada por outra, portanto, sua função primordial é referencial, a compreensão é função secundária.

A metonímia, como a metáfora, indica escolha ideológica, posicionamento político e tomada de decisão. Segundo Lakoff e Johnson (2002, p. 93), elas “fazem parte da maneira como agimos, pensamos e falamos no dia a dia”. Tanto a metáfora quanto a metonímia são muito importantes para nossa proposta de discussão sobre protocolos de leitura do corpo-texto, considerando, por exemplo, a metonímia do “rosto pela pessoa”, na cultura ocidental.

Segundo Lakoff e Johnson (2002, p. 94), “nós percebemos o mundo em termos de uma metonímia, quando identificamos uma pessoa pelo rosto e agimos de acordo com essa percepção”. Não se trata de casualidade nem é aleatório. No Brasil, nos formulários de inscrição e nos currículos de vida, em processos seletivos ou busca de empregos, são exigidas fotografias do rosto da pessoa e o rosto basta. Da mesma forma são as fichas e os catálogos de perfis policiais. Os conceitos metonímicos, assim como os metafóricos, são sistemáticos, porque mantêm uma relação coerente no sistema conceitual das cosmopercepções e são prenhes de ideologias, valores, preconceitos, como, por exemplo, os religiosos, de raça, o machismo, o sexismo, o de classe, o elitismo, dentre outras.

Seguindo essa linha teórica, propomos para análise dos provérbios moçambicanos que os conceitos metafóricos que os constituem estão ancorados em duas bases: na *natureza*, como a terra, os rios, as plantas e os animais; e na *vida cotidiana*, para descrever aspectos da vida humana, como relacionamentos, emoções e experiências, refletindo, dessa forma, a cosmopercepção e os valores das comunidades. Tomemos o seguinte provérbio Changana⁴:

4 Todas as traduções das línguas bantu citadas neste artigo (Changana, Emakhuwa, Sena e Tewe) para o Português Moçambicano são literais de autoria de Sónia Sara Cumbe e de responsabilidade de ambas as autoras.

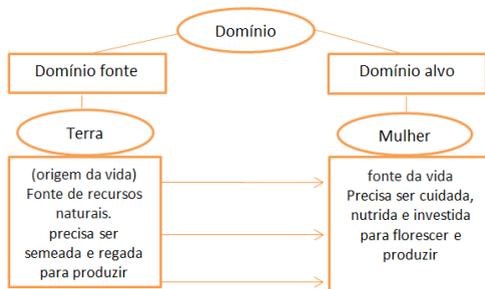
(1)

*Mhela ni n'wana, aku tiva, aku kuxakata, ha yilagutana.
Mulher é terra, sem semear, sem regar, nada produz.*

De acordo com Lakoff e Johnson (1980), ao compartilharmos fragmentos de um domínio de conhecimento, podemos nos compreender melhor um/a ao/à outro/a culturalmente. Laura Baiocco e Maity Siqueira (2018, p. 5), seguindo a teoria do Lakoff e Johnson, defendem que, em termos mais técnicos, “uma metáfora envolve um domínio conceitual fonte, definido como o tópico ou a categoria de que falamos literalmente, e um domínio alvo, aquilo que queremos dizer”, para estabelecer projeções metafóricas nos campos conceituais. O domínio se refere à esfera de influência ou à área de atividade sobre a qual algo exerce controle ou influência.

Dessa forma, a comparação entre “terra” e “mulher”, no contexto do provérbio Changana, em (1), permite identificar os seguintes domínios (Fig. 1), de acordo com as projeções metafóricas para “mulher”.

Figura 1 – Projeções Metafóricas para Mulher



Fonte: Elaboração própria das autoras (2024).

No provérbio Changana, em (1), portanto, o domínio fonte é a “terra” e o domínio alvo é a “mulher”. Isso significa que o provérbio

utiliza o conceito metafórico “terra” — domínio fonte— para descrever uma característica, comportamento ou qualidade da mulher — o domínio alvo. Esse conceito metafórico está vinculado a culturas bantu moçambicanas que relacionam a “mulher” à “terra”.

Na cosmopercepção bantu moçambicana, a terra é frequentemente empregada como um símbolo para representar as mulheres e destacar sua importância no cuidar, nutrir e a importância em investir nelas para que possam florescer e produzir resultados significativos, assim como a terra precisa ser semeada e regada para produzir colheitas. Esse conceito metafórico fornece uma pista da percepção de mulher na cultura Changana, ao mesmo tempo, em que ensina para que serve a mulher e que para que a mulher cumpra com sua função sociocultural, a de “florescer e produzir resultados significativos”, ela deve ser cuidada, “semeada/fecundada e regada/alimentada”.

Para Tony Barber Sardinha (2007, p.30), para se fazer parte da sociedade, ou seja, interagir, ter entendimento, compreender o mundo, é necessário obedecer às metáforas que a cultura coloca à disposição. No que tange aos conceitos metafóricos que constituem provérbios, portanto, que ensinam como é a vida e como a realidade deve ser vida, “obedecer às metáforas” dispostas pela cultura significa obedecer aos protocolos de leitura de mundo estabelecidos pela sociedade dominante.

Entretanto, mais do que ser interpretados e compreendidos, é fundamental que os provérbios e os conceitos metafóricos que os constituem sejam problematizados de modo a desestabilizar as realidades que os fundamentam e os protocolos de leitura que ensinam como eles devem ser lidos. Dessa forma, para além de descrever os provérbios, por meio dos conceitos metafóricos, para explicar a

realidade, intentamos desnaturalizar para desessencializar as culturas e as cosmopercepções dos povos, interrogando suas linguagens e seus conhecimentos para contribuir com a transformação do mundo.

As problematizações dos provérbios, proposta nesta discussão, estão baseadas nos estudos dos conceitos metafóricos que constituem os provérbios elencados para este estudo, previamente realizados, conforme a metodologia do “domínio conceitual” de Laura Baiocco e Maity Siqueira (2018), apresentada em parágrafos anteriores. Nem todos os provérbios documentados e estudados durante a pesquisa serão apresentados nesta discussão, devido ao espaço destinado ao artigo.

CONFIGURAÇÃO SIMBÓLICA NOS PROVÉRBIOS

Conforme já adiantado, as metáforas que constituem os provérbios bantu moçambicanos estão sustentadas em duas bases conceituais: *os elementos da natureza* — terra, rios, plantas e animais; e *os aspectos da vida cotidiana* — relacionamentos interpessoais, as emoções e as experiências humanas. Na variedade dos elementos explorados como base dos conceitos metafóricos constituidores dos provérbios, emerge o simbolismo animal, no qual identificamos duas categorias principais, às quais se somam os provérbios de ensinamento, que passamos a problematizar na sequência.

PROVÉRBIOS QUE ESTABELECEM A RELAÇÃO ANIMAL/ANIMAL

Os provérbios, cujos conceitos metafóricos estabelecem a relação entre animais, muitas vezes, mobilizam as características dos animais com a finalidade de descrever comportamentos humanos ou aspectos da vida social. Com esses conceitos metafóricos busca-se compreender ou comunicar ideias sobre comportamento, relações

sociais e valores culturais por meio de referências à natureza animal, como no provérbio Emakhuwa, em:

(2)

*Muthupi onoyariha achana, nave achana ta mwalakhu.
O galo faz os pintainhos, mas estes pertencem à galinha.*

Esse provérbio é constituído de um conceito metafórico fundamentado nas relações familiares e sociais sobre fecundação e criação de filhos/as. Especificamente, compara os papéis do galo e da galinha na reprodução e criação dos pintainhos com os papéis de pais e mães na sociedade moçambicana. Os/As filhos/as são de suas mães, ou seja, o vínculo de pertencimento é com a mãe.

Essa comparação entre elementos da fauna, não humanos, como galos e galinhas, e seres humanos, como pais e mães, é feita utilizando princípios da biologia e do comportamento animal para discutir conceitos relacionados à família e à paternidade/maternidade humanas. Pela metáfora conceitual, a correlação entre humano e não humano, percebemos, em (2), a ênfase na distinção dos papéis de homem e mulher na sociedade moçambicana, pela explicação biológica, com destaque para o papel afetivo da mulher. Para destacar a importância da mulher no vínculo de pertencimento e seu papel afetivo, oculta sua importância na reprodução, apesar de o papel reprodutivo da mulher ser muito valorizado na cultura bantu moçambicana.

PROVÉRBIOS QUE ESTABELECEM A RELAÇÃO CONCEITO/NATUREZA

Nesse tipo de relação, os conceitos são definidos de acordo com os valores que se atribuem aos símbolos que os definem. O simbolismo dos provérbios embasados na natureza mostra a

profundidade das relações entre os seres humanos e o mundo natural ao seu redor, destacando como os princípios e padrões observados na natureza podem ser aplicados aos desafios e dilemas da vida humana. Retornemos ao provérbio (1) da cultura Changana.

(1)

*Mhela ni n'wana, aku tiva, aku kuxakata, ha yilagutana.
Mulher é terra, sem semear, sem regar, nada produz.*

Conforme já discutido, esse provérbio carrega uma simbologia que remete à conexão entre a mulher e a terra. A comparação entre a mulher e a terra sugere uma série de associações simbólicas em toda a cosmo percepção bantu moçambicana. A terra é, frequentemente, vista como um símbolo de vida, de fertilidade, nutrição e criação. Da mesma forma, a mulher é frequentemente associada à capacidade de gerar e sustentar vida, tanto literalmente, através da gravidez, parto e lactação, quanto metaforicamente, por suas habilidades de cuidar.

Além disso, o conceito de semear e regar a terra para produzir, remete ao cuidado e ao trabalho árduo necessários para que algo floresça e prospere. Da mesma forma, sugere-se que a mulher, quando devidamente cuidada, cultivada e valorizada, pode alcançar todo o seu potencial e contribuir de forma significativa para o bem-estar e o crescimento da comunidade.

Da perspectiva dos aspectos mítico-religiosos, podemos perceber uma relação significativa, a partir desse provérbio, com as forças espirituais femininas. Nas tradições ancestrais moçambicanas, as entidades genitoras femininas são frequentemente representadas como as progenitoras do mundo e de tudo o que existe, incluindo a terra onde se vive e onde se planta, o sustento. A mulher, não raro, um feminino genérico, associado à fertilidade e à natureza,

desempenha papéis essenciais nas narrativas mitológicas e religiosas das culturas bantu, refletindo a reverência e a conexão intrínseca entre a humanidade e o ambiente que a rodeia.

Feitas essas considerações, passamos aos provérbios constituídos de conceitos metafóricos que concebem a mulher em seus papéis tradicionais essencializados e naturalizados nas comunidades bantu moçambicanas. Buscamos problematizar como esses provérbios são empregados nas culturas bantu, a partir de seus propósitos, tais como ensinar, aconselhar, alertar e similares.

PROVÉRBIOS DE ENSINAMENTOS

Alguns provérbios bantu moçambicanos têm o propósito de ensinar qual é o papel e o padrão comportamental das mulheres, assim como pretendem manter as relações assimétricas de gênero na sociedade moçambicana. Esses provérbios estão ancorados na cultura do povo, funcionam como protocolos de leitura para controle sociocultural e manutenção da cosmopercepção. Vamos discutir e problematizar alguns dos sentidos essencializadores e dos ensinamentos mais comuns e mais naturalizados encontrados nesses provérbios.

1. MULHER GERADORA DE VIDA

Na sociedade bantu moçambicana, o papel reprodutor da mulher tem uma grande importância, no contexto familiar e na comunidade como um todo. A capacidade da mulher de gerar e criar vida é valorizada e respeitada, sendo considerada preciosa e uma responsabilidade sagrada. Seguem alguns provérbios Changana e Emakhuwa constituídos de conceitos metafóricos que concebem a mulher como geradora de vida.

(3)

*Muthiyana, mopo (ou muniká), wakuva wunnuwa.
(Changana)*

A mulher é como a bananeira, que depressa se desenvolve.

(4)

Muthiana onlikana ni mèle (Emakhuwa)

Mulher é semelhante à mapira⁵, cuja raiz se renova num surto de admirável produtividade.

(5)

Muthiana ephatu (Emakhuwa)

Mulher é geração

Os provérbios (3), Changana, e (4), Emakhuwa, estão constituídos de conceitos metafóricos que comparam a mulher ao processo de florescimento e (re)produtividade das plantas, com celeridade e renovação. Em (5), para além de comparações, a metáfora essencializa a capacidade reprodutiva da mulher. Em (3), a mulher, ao ser comparada à bananeira, é caracterizada como fecunda, símbolo de fertilidade, é, nessa cultura, valorizada para os propósitos da comunidade. Assim, essa metáfora celebra a maternidade como um papel fundamental da mulher, além de destacar sua capacidade de se sustentar e proteger a família, nutrindo seus/suas filhos/as com um amor que é comparável ao suporte firme dos cachos de bananas douradas aos braços laboriosos da bananeira. Esse provérbio diz à mulher o que é ser mulher.

Em (4), na expressiva semiose construída no segundo rifão, a mulher, ao ser equiparada à mapira, cujas raízes se renovam em uma reverência admirável à produtividade, por três ou mais anos consecutivos, é incentivada à constante reprodutividade. Esse

5 *Mapira* é uma espécie de planta da família das gramíneas, do género *Sorghum*, encontrada em regiões tropicais e subtropicais, com espigas e grãos semelhantes aos do milho, mas não é o mesmo que milho.

conceito metafórico sugere que o legado da mulher se estende indefinidamente através da geração de filhos, perpetuando assim o clã e intensificando o valor da mulher nessa perpetuação.

Por esse motivo, é comum entre algumas culturas, não somente na Emakhuwa, preferir ter filhas em vez de filhos. Em certas ocasiões, ao visitar uma família Macua, encontramos essa preferência manifestada. Se o bebê que a mulher segura nos braços ou carrega às costas for do sexo masculino, podemos expressar nossos parabéns. No entanto, ela, ao iluminar seu rosto com um sorriso significativo e crítico, pode nos responder com um ditado: “O homem é como o milho grosso, cujas raízes não geram brotos por anos a fio”.

(6)

*Mhangela loko yi nga ni vana, mavala ntsena.
(Changana)*

Galinha do mato sem filhos são só cores. (7)

*A ku yambala i mavala, ku veleka i wukosi. (Changana)
Vestir-se bem são só cores, riqueza é ter filhos.*

Os provérbios Changana (6) e (7) também enfatizam a importância do papel reprodutivo da mulher, contrapondo a essência da mulher à sua superficialidade, ou seja, confronta o que é ser mulher e sua função essencial, a reprodução, com sua possível superficialidade. Nessa cultura, se a mulher não tiver filho/a, sua essência (riqueza) se esvai, restando apenas sua fugaz aparência (pobreza). Nesses provérbios, encontramos as marcas dos valores culturais da cosmopercepção bantu, em que as cores (o colorido da aparência) e riquezas são consideradas bens passageiros, ao passo que o legado humano dos seres humanos é reconhecido como a força central que assegura a continuidade.

Na sociedade bantu, o papel reprodutor da mulher não é apenas uma questão biológica, é um aspecto vital para a preservação da

cultura, da coesão comunitária e da continuidade da linhagem familiar. É através dela que se perpetua a herança cultural e se garante o futuro da comunidade. Assim, os provérbios (3)-(7), das culturas Changana e Emakhuwa, reproduzem a cosmopercepção dos povos bantu moçambicanos, sobretudo no que diz respeito à concepção dos/as filhos/as, vista como um processo unidirecional, exclusivamente atribuído à mulher. Os conceitos metafóricos que constituem esses provérbios ressaltam o papel central da mulher, frequentemente, associado à sua função reprodutiva ao valor que os/as filhos/as têm para a família e a comunidade e, assim, essencializam o que é ser mulher.

Diante disso, retomamos o provérbio (2), Emakhuwa, discutido anteriormente:

*Muthupi onoyariha achana, nave achana ta mwalakhu.
O galo faz os pintainhos, mas estes pertencem à galinha.*

Lakoff e Johnson (2002) afirmam que, na vida cotidiana, não é possível abordar todos os aspectos de um conceito metafórico, pois a estruturação de um conceito é sempre parcial, nunca total, e, por isso, alguns aspectos aparecem mais salientes e outros ficam mais opacos. O provérbio (2) é uma amostra desse pressuposto, pois, na importância da capacidade reprodutiva, valorizada pelas culturas bantu e um dos aspectos na essencialização do conceito mulher, de acordo com esse provérbio, o macho/homem é o reprodutor e a fêmea/mulher garante o vínculo afetivo, cuidado e pertencimento, deixando opaco o papel reprodutivo da mulher. Em outras palavras, no provérbio (2), não está negado o papel reprodutivo da mulher, de suma importância para as culturas bantu, mas o aspecto que se quer enfatizar é o vínculo de pertencimento dos/as filhos/as com a mãe.

2. MULHER, ESPOSA E CUIDADORA DO LAR

Na sociedade Bantu, é ensinado à mulher a desempenhar um papel crucial como esposa e cuidadora do lar. Ela é vista como a pedra angular da família, responsável por garantir o bem-estar e a harmonia dentro do lar. Como esposa, a mulher bantu apoia o marido em suas atividades diárias, fornecendo suporte emocional, prático e, muitas vezes, financeiro. Esse é seu valor e ela é mais valorizada quanto mais desempenha completamente e bem sua acumulação de papéis e funções. Assim ela é ensinada e estimulada pela valorização.

Como cuidadora do lar, a mulher bantu é encarregada de uma série de tarefas domésticas, incluindo a preparação de alimentos, a limpeza da casa, o cuidado dos/as filhos/as e, em muitos casos, também o cuidado de idosos/as e outros/as membros/as da família que necessitam de assistência.

É importante ressaltar que o fato de o papel da mulher bantu como esposa e cuidadora do lar ser tradicionalmente valorizado oculta outro fato, o de muitas mulheres também desempenharem papéis fora do lar, contribuindo para a economia familiar e para o desenvolvimento da comunidade em diversos campos, como a educação e a agricultura. Então, a mulher, muitas vezes, antes de preparar, produz ou provê o alimento para a família. Essa acumulação de funções fica encoberta por sua valorização como mulher, a senhora do lar, para não tirar a dignidade do homem, o senhor da rua, provedor da família.

Os provérbios bantu moçambicanos mostram tanto a supremacia do papel da mulher quanto a acumulação de funções pela mulher nas culturas moçambicanas.

(8)

Ethoko ti yamuthiana (Emakhuwa)

O lar é da mulher

(9)

*Ng`anga wa nkazi angakonza, analang`ana dzwua
(Sena)*

*Uma curandeira, quando trata dos doentes, olha para
o sol (para a hora). (10)*

Malopwana, epasó; muthiyana, ehipá (Emakhuwa)

O homem é machado; a mulher é enxada

(11)

Muthiana OnamakaMusi (Emakhuwa)

A mulher é quem constrói a família

(12)

Muthiyana owatthuna aiyane (Emakhuwa)

Unaxelekhe

N`ohiyu eriyari

A mulher que ama o marido,

Cozinha para ele

Mesmo à meia-noite.

(13)

*A munthi wa ku ka la wansathi a u helelanga
(Changana)*

Uma casa sem mulher não é completa

Nos provérbios (8)-(13), podemos inferir uma concepção de lar nas culturas bantu Changana, Emakhuwa e Sena. Nessas culturas, o lar é diferente de casa, pois é muito mais do que apenas um espaço físico, é o centro da vida familiar e comunitária, é onde os laços são fortalecidos, os valores são transmitidos e as tradições são preservadas. O lar é um refúgio de segurança e conforto, onde as pessoas encontram apoio emocional e proteção.

Nas culturas representadas nos provérbios (8), (11) e (13), cabe à mulher, fundamentalmente, garantir a formação e a manutenção da estrutura familiar, através da criação de um ambiente acolhedor e harmonioso. A mulher é concebida como a guardiã da família, responsável por cuidar das necessidades diárias da família e por cultivar

um ambiente de amor, respeito e união. Além disso, nessas culturas, espera-se que a mulher desempenhe o papel de cuidadora doméstica, o que inclui preparar as refeições para o marido, independentemente das condições.

No provérbio (12), Emakhuwa, a regra adscrita é que, se, por acaso, o marido manifestar vontade de saborear algo distinto do que foi inicialmente preparado, é esperado e é comum que a mulher atenda ao seu desejo, mesmo que isso implique fazer outra refeição, independentemente do horário, pois alimentar é um ato de amor e de cuidado. O provérbio (12) é usado como uma advertência às mulheres para não se esquecerem da sua condição no lar, destacando o papel de esposa e dona de casa da mulher. Mesmo se ela estiver engajada em trabalhos comunitários, como o de curandeira, é fundamental que jamais se esqueça de suas responsabilidades como esposa e gestora do lar, pois esta é sua condição primordial. Essa dualidade de papéis é essencial para manter o equilíbrio entre suas responsabilidades familiares e suas contribuições para o bem-estar da comunidade.

Por isso, o provérbio (9) indica que mesmo que no cuidado de doentes, um papel importante das mulheres, deve-se estar atentas para o sol para não perder a hora de suas responsabilidades primordiais, com sua família, maximamente, com seu marido. Aconteça o que acontecer, esteja ela fazendo o que for, suas obrigações domésticas têm de ser atendidas a tempo e a contento. Afinal, “uma casa sem mulher não é completa” (13), e cabe à mulher garantir essa completude.

3. MULHER MÃE

Nas culturas bantu, a maternidade é reverenciada como uma bênção sagrada, em que a mulher é vista como a personificação

da força, do cuidado, da nutrição e do amor incondicional. Essa mulher, pelo instinto da maternidade, consegue além de dar a vida, garantir o sustento da vida, alimentando o/a filho/a. Admirada por sua capacidade de sacrifício e força, ela é considerada o coração da comunidade, cujo amor e dedicação são essenciais para o florescimento e o bem-estar de todos/as ao seu redor. Sua importância como rocha sobre a qual a família se apoia é reconhecida, oferecendo apoio emocional e orientação em todos os momentos. Os provérbios bantu mantêm essa cosmopercepção, ensinando as regras culturais que a sustentam.

(14)

Munyaka khonamulemela mwanène (Emakhuwa).

Os cornos nunca pesam ao animal que os tem

(15)

Nzoo ayiremerwi ngo muchinga wayo (Tewe)

A Lã não é pesada ao carneiro

(16)

Vele ya mamana a ji ngi va na nhlokonho (Changana)

O seio da mãe não pode ter lepra

(17)

Mwanankhulu angasowa mache, nee anakula bi!

(Sena)

O pintainho que não tem mãe não cresce

(18)

Muratti wunla mwanawe t'ukhwiye (Emakhuwa)

A primeira (mulher) a chorar é aquela a quem morreu o filho

(19)

Mayi ndi mayi, chawunoda unoreya (Tewe)

Mãe é sempre mãe

Os provérbios (14)-(19) essencializam a maternidade, pelo instinto maternal na naturalização da relação mãe-filho/a, reciprocamente, fortalecendo os laços de amor e cuidado que permeiam essa conexão.

Observa-se que o provérbio (14), pela comparação com a mulher que tem vários/as filhos/as, afirma sua capacidade de cuidar deles/as todos/as, com igual dedicação e amor, proporcionando-lhes os cuidados necessários para sua saúde e bem-estar, sem que eles/elas lhes pesem. Do amanhecer ao anoitecer, ela os/as atende sem sentir o peso do trabalho. Se algum/a deles/as adoecer, ela prontamente o/a leva para receber tratamento no posto de saúde, sem considerar o tempo gasto no trajeto ou na espera como desperdício. Se alguém a elogia pelos sacrifícios que constantemente faz, ela responde com a sentença do provérbio, indicando que os/as filhos/as nunca são um fardo para o amor de uma mãe. Além disso, o provérbio (14) é um alerta às jovens sobre a inevitabilidade das obrigações que vêm com a idade adulta e a maternidade, enfatizando que o que é seu nunca deve ser encarado como um fardo insuportável, mas sim como algo a ser suportado com dignidade e amor.

O mesmo princípio está aplicado no provérbio (15) a uma dona de casa que vai ao mercado comprar mantimentos. Ela adquire itens aqui, ali e acolá, acumulando uma quantidade considerável de mercadorias que pode ser difícil de transportar. Se não tiver ajuda, ela mesma carregará tudo, sem lamentar, pois reconhece que são produtos essenciais para a vida de sua família. O alimento para a família é uma bênção, nunca um peso, e “quem corre por gosto não cansa”, indicando que quando se faz algo com prazer e propósito, o esforço não é sentido como um fardo.

Da mesma forma, adverte o provérbio (16), os/as filhos/as não se sentem envergonhados/as nem hesitam em buscar o conforto do seio materno. Ainda que este seio seja uma imagem repulsiva de feridas advindas de doença contagiosa, como a lepra.

O provérbio (17) condensa conhecimentos e sentimentos profundos acerca da importância e do impacto da presença materna na vida da comunidade bantu. A ausência da mãe influencia negativamente no desenvolvimento físico e emocional da criança, devido às situações desafiadoras e cruéis a que os/as órfãos/ãs estão expostos/as, uma vez que eles/as, muitas vezes, não têm acesso ao cuidado e proteção que outros/as podem receber de suas mães, mas também é a mãe que, culturalmente, demonstra a dor mais intensa pela perda de um/a filho/a. Embora outras pessoas possam estar presentes durante esse momento, é a mãe que experimenta essa perda de forma mais profunda, conforme condensa o provérbio (18).

O provérbio Tewe, (19), “Mãe é sempre mãe”, sintetiza a cosmopercepção bantu descrita nos provérbios Changana, Emakhuwa, Sena e Tewe (14)-(17), que essencializa a maternidade da mesma forma que essencializa a capacidade de reprodução para a mulher ser mulher. Há uma coerência no sistema conceitual, para além dos conceitos metafóricos que constituem os provérbios bantus moçambicanos, no que diz respeito à percepção bantu moçambicana de mulher, seja nas projeções metafóricas, nos conceitos metafóricos ou na estrutura proposicional clássica, como em (5) “Mulher é geração” e em (19) “Mãe é sempre mãe”.

4. MULHER MENTORA E EDUCADORA

A família é considerada a base da comunidade e a mulher, por desempenhar um papel central na construção e manutenção desse núcleo familiar, é quem garante a sustentação e a coesão dessa base comunitária. Para além da criação dos/as filhos/as, a mulher é responsável pela transmissão dos ensinamentos e valores culturais que moldarão seu caráter e sua identidade.

(20)

*Ku tlula ka mhala ku leleta nwana wa le ndzeni
(Changana)*

O salto do antílope ensina-se à cria no ventre

(21)

*Mwaxana a amannya. mwalakhu owurya, awehaka
musulú (Emakhuwa)*

*Quando o pintainho bebe, erguendo a cabeça, imita
a sua mãe*

(22)

Nwana wa noyi a nga khohlwi hi nchumu (Changana)

O filho do bruxo sabe tudo a respeito da bruxaria

(23)

Lapé, ayara, khannuna? (Emakhuwa)

*Porventura a ratinha Lapé⁶, quando tem filhos, não
engorda?*

(24)

Chitiyo kwenda kutsare kuwona nga atsvwari (Tewe)

A pior cunha é a do mesmo pau

A transmissão de ensinamentos ou conhecimentos aos/às filhos/as é uma responsabilidade sagrada e uma parte essencial do processo de socialização. Nos provérbios (20), (21) e (22), há uma referência metafórica a ensinamentos, habilidades adquiridas, isto é, como os pais são exemplos de comportamento regrado, amizade e dedicação ao trabalho, e que os/as filho/as absorvem, naturalmente, as virtudes de seus pais e de suas mães, sobretudo, desde o útero.

O provérbio (23), por sua vez, destaca o poder de autoridade pela imposição de ordem e de obediência aos/às filhos/as de forma a moldar o seu comportamento na comunidade, onde, por exemplo, num momento repentino de irritação, a mãe repreende os/as filhos/as quando, após distribuir a comida entre todos/as, alguns/mas ousam

⁶ *Ratinha Lapé* é um animal de pequena estatura, bonita, com manchas brancas que lembram as de um coelho. Ela vive em plantações e tem muitos filhotes.

pedir mais. Com senso de justiça, ela os/as admoesta com firmeza, questionando se ela mesma, ao se comparar com a ratinha Lapé, não tem também o direito de comer, lembrando-lhes o ditado: “A cada um aquilo que é seu”.

O provérbio (24) destaca a relevância dos pais como exemplos de conduta a ser seguida, uma vez que as crianças tendem a imitar seus comportamentos e absorver suas crenças e valores. Por exemplo, quando um pinto decide defecar no matagal, muitas vezes, é porque observou sua mãe fazendo o mesmo, internalizou aquele comportamento como um modelo a seguir.

É comum que, em sociedades bantu, onde se valoriza fortemente o papel materno na educação dos/as filhos/as, as mães sejam responsabilizadas pelo comportamento de seus/suas filhos/as, especialmente das filhas. Se as filhas de uma casa não obedecem às normas sociais ou têm um comportamento inadequado, é comum que se culpe a mãe. Assim, a influência das mães na formação do comportamento de seus/suas filhos/as, particularmente de suas filhas, é uma manifestação da transmissão cultural e da continuidade de padrões comportamentais ao longo das gerações. Portanto, é importante reconhecer o papel central das mães na transmissão de valores e comportamentos dentro de uma cultura, e como suas ações podem impactar diretamente o desenvolvimento e a conduta de seus/suas filhos/as, moldando assim as dinâmicas sociais e familiares de uma comunidade.

5. MORALIDADE DA MULHER MOÇAMBICANA

Nas culturas bantu moçambicanas, a moralidade da mulher é intrinsecamente ligada aos valores tradicionais e aos papéis de gênero

estabelecidos pela comunidade. A mulher bantu moçambicana é frequentemente valorizada por sua integridade, dignidade e habilidades em manter a coesão familiar e comunitária. Sua conduta é, muitas vezes, medida pelo respeito às normas sociais e culturais estabelecidas, incluindo a valorização da família, o cuidado com os mais velhos e a preservação das tradições.

A moralidade da mulher bantu moçambicana também está associada à sua conduta em relação à sexualidade, ao casamento e à maternidade. A fidelidade conjugal é geralmente valorizada, assim como o cuidado com os filhos e a preservação da linhagem familiar. A mulher bantu moçambicana, muitas vezes, desempenha um papel de guardiã da moralidade e da ética dentro da comunidade, resguardando e transmitindo valores importantes para as gerações futuras.

Os provérbios são importantes aliados na manutenção dos valores da moralidade da mulher bantu moçambicana, conforme podemos perceber:

(25)

*Nraka khannâsa ekuluwe; ekuluwe t'enâsa nraka
(Emakhuwa)*

Não é a melancia que procura o porco selvagem; o porco selvagem é que vai por ela.

(26)

*Nikhuku khinnâsa epila; epila t'inâsa nikhuku
(Emakhuwa)*

Não é a gruta que demanda a marmota; a marmota é que demanda a gruta

(27)

*Nttehi khinnasa muthupi; muthupi t'unasa nttehi
(Emakhuwa)*

Não é a galinha que procura o galo; o galo é que procura a galinha

Nraka é uma variedade de melancia pequena e redonda, cujas sementes, após secas, são utilizadas pelas mulheres para criar temperos variados, especialmente para o caril⁷. Contudo, os porcos-do-mato, em suas incursões noturnas às plantações, frequentemente, causam danos consideráveis a essas cucurbitáceas doces, justificando assim a origem do provérbio (25).

Dessa forma, quando indagada sobre seu estado civil, uma jovem bantu moçambicana madura pode prontamente recorrer ao ditado como resposta. Em essência, ela está expressando que, assim como a melancia, não é a mulher que busca um parceiro; é o homem que tradicionalmente assume esse papel, cortejando-a e propondo casamento. No contexto do casamento, para os povos bantu, uma mulher que assume o papel ativo na busca por um parceiro é frequentemente vista como alguém de comportamento questionável.

Em resumo, os provérbios Emakhuwa (25)-(27) reprimem a mulher, desestimulando suas atuações ativas nas relações de gênero, acirrando as assimetrias. As relações assimétricas de gênero são mais bem marcadas nos provérbios da região Sul de Moçambique, problematizados no item 6, adiante.

6. RELAÇÕES ASSIMÉTRICAS DE GÊNERO

As relações de poder nas culturas bantu moçambicanas são, muitas vezes, assimétricas, em decorrência de uma divisão tradicional de papéis que privilegia o masculino em termos de liderança e tomada de decisões. Essa assimetria é mantida e reforçada por meio de práticas sociais e culturais, incluindo rituais, sistemas de herança e casamento, e a transmissão de conhecimento e propriedade.

⁷ *Caril* é um nome dado a determinados pratos, cuja principal característica é ter um molho cozido com especiarias e outros ingredientes típicos da cozinha de uma determinada cultura.

(28)

Nhwanyana i huku yo hkomela vaenzi (Changana)
Uma filha é galinha que se agarra para (oferecer) aos visitantes

(29)

Awasati mutsandza nanzu (Changana)
Uma mulher não pode resolver problemas

(30)

Vavasati a van a huno (Changana)
As mulheres não têm tribunal (palavra)

O provérbio (28) sugere que as filhas são um recurso valioso e, em certo sentido, representam uma forma de hospitalidade ou honra para a família frente a um visitante. A comparação com a galinha, que é um alimento precioso e, muitas vezes, reservado para ocasiões especiais ou para receber visitantes importantes, nas culturas bantu moçambicanas, indica que a filha também é valorizada e vista como uma “oferta” de grande valor, tal qual uma nobre iguaria.

Tradicionalmente, os casamentos são formas de fortalecer laços sociais e políticos entre famílias e comunidades. As filhas, ao se casarem, podem ser significadas como presentes que unem famílias e criam alianças. Assim, oferecer a filha a um visitante pode simbolizar o ato de casá-la, algo que é visto como um movimento estratégico e respeitável.

O provérbio (29) sugere que as mulheres são incapazes de enfrentar ou resolver problemas, manifestando uma percepção discriminatória da mulher moçambicana. Historicamente, em muitas sociedades, as mulheres têm sido concebidas como menos aptas do que os homens para lidar com desafios fora da esfera doméstica. Entretanto, a experiência tem mostrado que, ainda que os homens pronunciem as sentenças, na esfera pública, são as mulheres que desenrolam as questões, na esfera do privado.

O provérbio (30) é mais um a expressar uma realidade de desigualdade de gênero, enraizada em muitas sociedades tradicionais bantu de Moçambique, que moldam as interações sociais, pela exclusão das mulheres. Historicamente, muitas culturas bantu moçambicanas têm sido patriarcais, onde as mulheres são relegadas a papéis secundários em relação aos homens, desvalorizando as mulheres e suas capacidades intelectuais e de liderança. Esse provérbio destaca a exclusão das mulheres das esferas de poder e decisão, enfatizando a hierarquia de gênero que privilegia os homens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta discussão, com base na cosmopercepção bantu moçambicana, tratamos da manutenção de percepções essencializadas de mulher e da naturalização de condutas sociais consideradas adequadas às mulheres, em algumas culturas bantu de Moçambique. Esse propósito se desenvolveu por meio da problematização de provérbios constituídos de conceitos metafóricos. Para tanto, foram selecionados provérbios das culturas bantu que circulam nas línguas Emakhuwa, Tewe, Sena e Changana, respectivamente, das regiões Norte, Centro e Sul de Moçambique, cujo núcleo temático é relacionado à mulher.

Os provérbios foram documentados em sala de aula na Universidade Rovuma, em Nampula, Moçambique, durante as aulas de Língua Inglesa da professora Sónia Sara Cumbe. A metodologia de tradução dos provérbios e das metáforas das línguas bantu para o Português Moçambicano, bem como a metodologia de estudo dos conceitos metafóricos que constituem os provérbios foram embasados nas propostas de Laura Baiocco e Maity Siqueira (2018).

As problematizações e discussões dos provérbios foram teoricamente sustentadas em Lakoff e Johnson (1980; 2002).

Os provérbios que enfocam a mulher são ensinamentos sobre o que é ser mulher e sobre a conduta da mulher, por vezes, reverenciando sua importância, em diversas esferas da vida, outras vezes, a atropelando. Mesmo quando reverenciam a mulher, o propósito é o de fortalecer o privilégio masculino. As principais metáforas empregadas nos provérbios para representar a mulher vêm de elementos da natureza, da fauna e da flora, como a galinha, a terra, a água, a bananeira, a mapira, dentre outras.

Os sentidos enunciados pelos provérbios celebram a mulher como uma figura central no núcleo familiar, uma portadora de sabedoria, uma educadora e fonte de força e resiliência. Esses provérbios fortalecem a manutenção da cultura e dos valores da sociedade bantu, por servirem como orientação moral e social para as gerações futuras. Através deles, é possível perceber um profundo respeito e admiração pela figura da mulher de conduta conservadora e atinente às tradições, reconhecendo seu papel essencial na construção e manutenção da comunidade.

Há também provérbios que encapsulam uma percepção antiquada e injusta, restringindo o espaço de atuação das mulheres ao contexto doméstico. Nesse contexto, a função social da mulher é ligada ao casamento, à maternidade, ao lar e à educação dos/as filhos/as, sem que sua visibilidade social extravase esses limites, subestimando suas capacidades e potencial de atuação em outras esferas. Eles refletem uma tradição patriarcal que precisa ser desafiada e superada.

Nessa perspectiva, a mulher é geradora de vida, pois é da natureza da mulher ser mãe e a mulher é menos mulher se não for mãe e,

mesmo sendo mãe, é mais mulher se for mãe de muitos/as filhos/as. A mãe é naturalmente mãe, porque ser mãe faz parte de sua natureza de mulher, cumpre seu instinto materno, seu destino de mulher e sua natureza feminina. Assim a mulher deve ser educada desde cedo, essa é uma norma de conduta, um protocolo de leitura do ser mulher, de seu corpo-texto.

A responsabilização da mulher na educação dos/as filhos/as, sobretudo na conduta social e moral das filhas, exige da mulher, mãe, a reprodução dos valores socioculturais tradicionais. Portanto, da mulher é exigido que contribua para a manutenção das tradições socioculturais, de modo a perpetuar os valores que as mantenham em inferioridade e opressão.

A mulher é cuidadora do lar, entretanto, para além das atividades domésticas, as mulheres trabalham na agricultura familiar e estão no mercado de trabalho. Elas estão participando ativamente na economia da casa, sem deixar de se dedicar dos cuidados da família e, muitas delas, dos doentes, com as rezas e os chás. Elas são reconhecidas por sua acumulação de trabalhos, mas a valorização da “supermulher do lar” oculta, estimula e naturaliza a acumulação. Não há uma divisão justa de tarefas entre homens e mulheres.

Em resumo, os provérbios bantu moçambicanos, por um lado, funcionam como protocolos de leitura e de interpretação do corpo-texto da mulher de boa conduta: a geradora de vida, a esposa, a mãe e cuidadora do lar, a mentora e educadora; por outro lado, com isso, reprimem a mulher, desestimulando suas atuações ativas nas relações de gênero, acirrando as assimetrias.

As mulheres, assim como os homens, têm o potencial e a capacidade de resolver problemas e enfrentar desafios de maneira

eficaz. Reconhecer e promover a igualdade de gênero é essencial para construir sociedades mais justas e inclusivas, onde todos os indivíduos tenham a oportunidade de contribuir plenamente, independentemente de seu gênero.

Promover a igualdade de oportunidades para mulheres e homens é essencial para contrapor a mensagem desses provérbios. Isso inclui garantir que as mulheres tenham acesso à educação, aos recursos e às oportunidades necessárias para demonstrar suas habilidades e resolver problemas. Provérbios como esses sublinham a necessidade de educação e mudança cultural. Ensinar as gerações futuras sobre a igualdade de gênero e os exemplos de mulheres que têm sido líderes e solucionadoras de problemas é crucial para dismantelar esses estereótipos.

REFERÊNCIAS

- BAIOCCO, Laura; SIQUEIRA, Maity. Como se traduz metáfora? Uma análise com base na teoria da metáfora conceitual. In: *Linguagem em foco*. Salvador, n. 2, v. 10, p. 2, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra (Org.). São Paulo: Editora 34, 2017.
- BERNARDO, Ezequiel Pedro José. *Política Linguística para o ensino bilíngue em Angola*. 2018. 216f. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- CHARTIER, Roger. *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). *História Geral da África*. v. 1. Metodologia e pré-história da África. Brasília: Unesco, 2010.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Tradução do Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM) sob coordenação de Mara Sophia Zanotto e pela tradutora Vera Maluf. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. In: *Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria*. Santa Maria. n. 26, p. 63-81, jun., 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/issue/view/647>. Acesso em: 24 jun. 2024.

OBIAS Grupo de Estudos Interculturais da Linguagem. *V Jornada de Estudos do Obiah*. Relatório Acadêmico de Ação de Extensão. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, 2024.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres – construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SANTOS, Stella de Azevedo. *Opinião: Maria Stella de Azevedo Santos – Iyalorixá do Ilê Axé Opô Afonjá*. Salvador: A Tarde, 2012.

SARDINHA, Tony Berber. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.